

As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. Cat. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

O pequenino castro de Carvalhelhos ⁽¹⁾ fica em termo da aldeia do mesmo nome, anexa da freguesia de Beça, concelho de Boticas e distrito de Vila Real.

Ali tenho feito escavações há 22 anos, com subsídios do Ministério das Obras Públicas (Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais), do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»

(1) Sobre o castro de Carvalhelhos publiquei os trabalhos que a seguir se indicam.

J. R. dos Santos Júnior, *O Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», publicação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, fascs. 1-2, vol. xvi, Porto, 1957, págs. 25 a 26, 29 figs.;

Rampas de acesso às muralhas do Castro de Carvalhelhos. in «Boletim de la Comission de Monumentos de Orense», Tomo xx, Orense, 1959-60, 8 págs. e 4 figs.;

Escavações no Castro de Carvalhelhos-Campanha de 1963, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. 2, vol. xix, Porto, 1963, págs. 187 a 193, 3 figs.;

Escavações no Castro de Carvalhelhos-Campanha de 1964, in idem, fascs. 3-4, vol. xix, Porto, 1965, págs. 360 a 365, iv Est. com 8 figs.

Duas campanhas de escavações no Castro de Carvalhelhos (1965-1966) in idem, fascs. 1-2, vol. xx, Porto.

Escavações no Castro de Carvalhelhos-Campanha de 1970, in idem, fasc. 1, vol. xxii, Porto, 1971, 4 págs. e 4 figs.

da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e, bem assim, da Empresa das Águas de Carvalhelhos.

Eram notáveis as condições de defesa daquele castro, asseguradas por muralhas, fossos e pedras fincadas.

Muralhas

São três as linhas de muralhas do castro.

A *primeira muralha* forma um anel cimeiro a rodear um reduto arredondado com 80 metros do sentido N. S. e 57 metros no sentido E. O.

Esta muralha, em alguns pontos, tem uma largura de 3 metros.

Reconstruída com pedras caídas da mesma levámo-la, em alguns troços, a um pouco mais de 2 metros de altura.

Um velho que ali conheci em 1950, e que então tinha 85 anos, disse-me que se lembrava, quando rapaz, de ver aquelas muralhas, em alguns sítios com a altura de quase dois homens, antes de lhe terem sido arrancadas pedras para fazer casas que, de sua lembrança, algumas foram construídas com pedras levadas do castro.

Quer dizer: Esta primeira muralha atingiria, há cerca de 100 anos, 3,5 a 4 metros de altura.

A *segunda muralha*, a que talvez pudéssemos chamar muralha exterior, entesta na primeira muralha ou muralha cimeira junto da porta do castro, segue uns 5 a 6 metros no alinhamento E. O., depois encurva para descer a encosta e seguir para norte, a cerca de 30 metros da primeira muralha, em direcção ao ribeiro que corre na base da encosta.

As pedras caídas desta muralha, que bem se conhecem por terem uma das faces cuidadosamente afeiçoada a pico, permitiram erguê-la a uma altura média de 2 metros.

Na zona do alto, junto da passagem estreita nela rasgada, por onde se passa para a porta de entrada no recinto cimeiro,

tem pela face externa um pouco mais de 3 metros de altura. Internamente, muito mais baixa, tem apenas cerca de 1 metro.

Nesta segunda muralha, a uns 70 metros da passagem estreita referida, sai um pequeno troço para leste com uma portada, que, por ficar ao fundo da encosta e a uns 40 ou 50 metros do ribeiro, se poderá chamar «porta da água».

Para baixo do referido troço só foi possível refazer a segunda muralha num comprimento de poucos metros.

Não conseguimos encontrar o alicerce do seu alinhamento, por isso paramos com o restauro sem ter sido possível apurar como, e onde, ela se ia inserir, continuando-se, na muralha do fundo, a que podemos chamar terceira muralha, e segue paralela ao ribeiro a uma distância de 15 a 20 metros.

A *terceira muralha*, ou muralha da base, que, por mais de 100 metros, se estende paralela ao ribeiro a curta distância do mesmo, só foi possível erguê-la a um escasso metro de altura, por falta de pedra caída junto dela e que se verificasse ter-lhe podido pertencer.

Pouco mais pudemos fazer do que desafogá-la do mato que a encobria.

Por ali ser mais fácil o carregadouro dos carros de bois, o rapinço das pedras deve ter sido maior.

Além disso os lameiros que marginam o ribeiro estão murados de pedra solta, muita da qual, senão toda, deve ter pertencido, sobretudo, a esta terceira muralha ou muralha da base.

Rampas de acesso às muralhas

As rampas de acesso às muralhas são nada menos de dezasseis.

Constituem uma particularidade notável do castro de Carvalhelhos.

Não tínhamos conhecimento de haverem sido assinaladas noutros ou em qualquer outro dos nossos castros.

Posteriormente, nas escavações do castro de S. Vicente da Chã (Pisões), no concelho de Montalegre, descobrimos uma rampa de acesso no troço da muralha que escavamos a meio da encosta do lado poente.

Também no castro de Sabrosa, cujas escavações dirigimos há uns 10 anos, vão, até agora, descobertas 5 rampas de acesso à muralha do recinto cimeiro.

Estas rampas, permitindo a subida rápida à muralha, em maré de ataque do inimigo, constituem factor que se me afigura de certa valia como elemento de defesa.

Podemos dividir a muralha cimeira em quatro sectores segundo os pontos cardiais.

No sector do lado sul há quatro rampas de acesso, assim distribuídas: a primeira a 5,50 metros da porta principal; a segunda 12 metros adiante desta; a terceira segue-se à segunda outros 12 metros; a quarta apenas 2 metros além desta última.

O sector ou alinhamento do lado leste começa no ponto onde a muralha do lado sul acentua o seu encurvamento para seguir para norte na direcção do penedo a que o povo chama «cavalo dos mouros».

Neste alinhamento há duas rampas e, talvez, uma terceira.

A primeira, de pendor suave, fica a 4 metros adiante da última rampa do sector precedente; a segunda 6 metros adiante; uma provável terceira 4 metros depois.

No sector do lado poente, à esquerda da porta principal do castro, a muralha tem 4 rampas de acesso. A primeira a 12 metros da porta a segunda 2,80 metros a seguir; mais 7 metros além está a terceira; a 11,50 metros desta a quarta.

No sector do lado norte há só uma rampa, pequena e suave, perto de uma larga abertura por onde se pode descer para o ribeiro, e onde a muralha termina formando um espessamento em divertículo.

Na segunda muralha há 5 rampas que, na parte do seu alinhamento rectilíneo se distribuem do seguinte modo: a primeira a 12,50 metros da estreita passagem nela rasgada a cerca de 2 metros do seu encontro na muralha cimeira; a segunda

3,50 abaixo; a terceira 15 metros depois; a quarta 14 metros além; a quinta separada da anterior apenas por 7 metros.

As rampas têm 45 a 50 centímetros de largura e o seu pendor é suave permitindo subida fácil.

Pedras fincadas

Em trabalhos anteriores referi-me ao ouriçado de pedras fincadas de que se mantêm alguns restos a seguir ao rebordo do fosso mais externo.

Pelos restos ainda ali patentes pode admitir-se que nessa parte, a de mais fácil acesso ao castro, e, por consequência, a mais vulnerável ao ataque do inimigo, a faixa de pedras fincadas se estenderia num comprimento de 40 a 50 metros e numa largura de 8 a 10 metros.

Há ainda, e bem, patentes, restos escassos de pedras fincadas implantadas nas cristas de separação dos fossos na parte onde os mesmos terminam na encosta pendente para o ribeiro. Tais restos permitem pôr a hipótese de que, talvez, todos os cumes de separação dos fossos deveriam ter pedras fincadas em toda a sua extensão, ou na sua maior parte.

Por isso nos permitimos indicar tal possibilidade no desenho que, na fig. 1, fizemos dos três fossos do castro.

Fossos

Na maior parte do perímetro do castro os fossos são dois. No entanto o segundo fosso, que do lado da encosta do noroeste a vem subindo, ao chegar ao alto bifurca-se, desdobra-se em dois, dos quais o mais externo de boca mais larga e mais fundo.

Nas campanhas de 1969 e 1970, com subsídios da Empresa das Águas de Carvalhelhos, iniciamos a escavação do primeiro fosso, o mais próximo da muralha.

Fiquei impressionado com a forma em V e com a profundidade que o mesmo tinha, cerca de 4,50 metros na zona escavada.

As muitas e grandes pedras que, com terra e pedras miúdas, o atulhavam permitem admitir que o enchimento do fosso foi intencional e com o propósito de eliminar aquele importante elemento de defesa.

Na campanha de Agosto de 1971, também inteiramente subsidiada pela Empresa, procedi a escavações nos segundo e terceiro fossos. Cada um deles foi escavado até à rocha firme do fundo e dos lados, mas apenas numa extensão de 3 a 4 metros.

O esquema da fig. 1 dá a indicação das profundidades dos mesmos.

Na campanha de Agosto de 1972 prossegui na escavação dos segundo e terceiro fossos, com subsídio do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia» da Universidade do Porto e com ferramentas fornecidas pela Empresa das Águas de Carvalhelhos, nomeadamente um «damper» para o transporte da terra e das pedras que entulhavam os fossos.

Têm sido completamente estéreis os trabalhos do desentulhar dos fossos, cuja escavação iniciamos em 1969 e continuamos em 1971 e 1972.

Nos muitos metros cúbicos de terra e pedras removidas não apareceu nem um só fragmento de cerâmica ou quaisquer outros materiais.

Em face do exposto verifica-se que, sem a menor dúvida, são notáveis as condições de defesa do castro de Carvalhelhos. Impressiona a profundidade dos fossos.

Interessa estender a escavação dos mesmos até à zona ou alinhamento da entrada do castro aberta na segunda muralha.

Se a profundidade dos fossos se mantiver até ali, como parece poder concluir-se pelos trabalhos já iniciados nessa zona, põe-se o problema de saber como se faria a transposição dos mesmos nas condições de vida normal dos castrejos.

Isso implicaria a existência de passadiços que podiam ser formados por dois ou mais troncos de árvores, postos lado a lado, com as pontas assentes nas cristas de cada fosso.

O acesso poderia também fazer-se em rodeio, por sítios onde os flancos dos fossos tivessem como que degraus ou escalões, a permitirem a subida e a descida fáceis.

CORTE SEGUNDO ORIENTAÇÃO NORTE - SUL
(da direita para a esquerda)

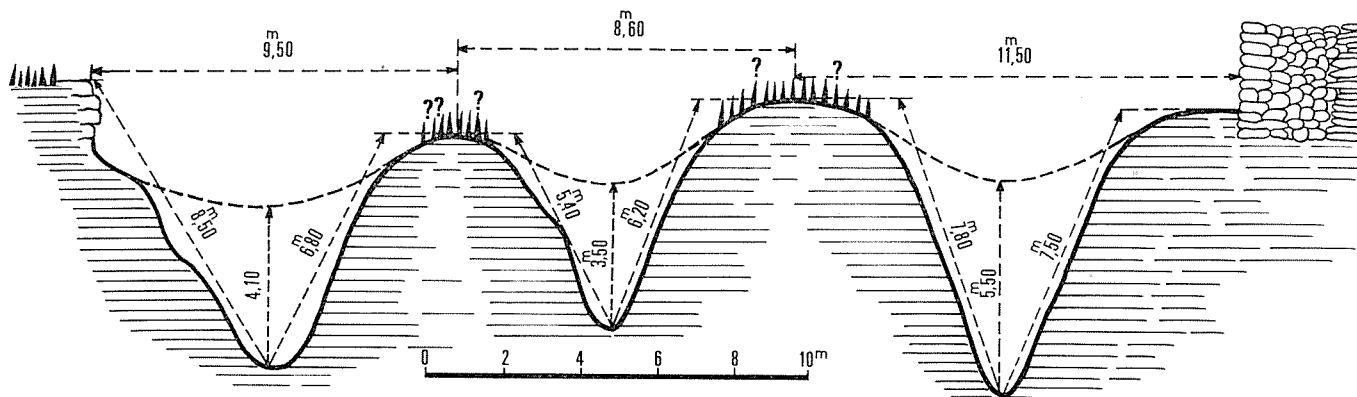


Fig. 1 — Esquema dos fossos no Castelo de Carvalhelhos. À direita a muralha do recinto cimeiro. À esquerda no rebordo do terceiro fosso as pedras fincadas que ainda se estendem irregularmente numa faixa de mais de 30 metros por 8 a 10 de largura. Como se refere no texto, pág. 211, é de admitir que as cristas de separação dos fossos também tivessem pedras fincadas.

Só a desobstrução de maior extensão dos fossos permitirá averiguar se esta última hipótese terá ou não confirmação, hipótese que aliás se nos afigura menos provável.

De qualquer modo a grande profundidade dos fossos veio reforçar a primeira linha de defesa formada pelo ouriçado de pedras fincadas que, numa largura de 8 a 10 metros, se devia espriar ao longo do bordo externo do terceiro fosso, numa faixa de que ainda subsistem vários restos, que se estendem num comprimento de um pouco mais de 30 metros.

Pedras fincadas, três fossos, bem difíceis de transpor, com os seus 6 a 8 metros de largura de boca e 5 a 8 metros de profundidade, e as muralhas, com numerosas rampas de acesso às mesmas, são elementos que se conjugam, formando notáveis condições de defesa àquele pequenino castro.

É certo que na grande maioria dos castros do norte do nosso país é bem patente a sua finalidade defensiva, já por assentarem no alto de montes de encostas por via de regra empinadas, já por estas naturais condições de defesa serem reforçadas por uma ou mais linhas de muralhas e pedras fincadas.

Estes elementos de defesa constituíam um resguardo por detrás do qual se abrigavam pessoas e seus bens de possíveis ataques, quer das gentes de outras tribos, quer dos animais silvestres, nomeadamente lobos e ursos, predadores dos animais domésticos castrejos.

De qualquer modo, pelo que me tem sido dado ver em alguns castros da região de Barroso, à volta do de Carvalhelhos, afigura-se, poder concluir que o pequenino castro de Carvalhelhos, mais do que qualquer dos outros, organizara de modo fortemente defensivo as suas condições de abrigo contra possíveis atacantes.

Haveria qualquer razão a justificar tão notáveis condições de defesa?

Vejamos.

A algumas centenas de metros acima do castro há restos bem patentes de remotas explorações mineiras. Um deles é um grande fojo, chamado do Alto do Coto ou da Agróvia, que fica ao lado da estrada para Lavradas. Aquele fojo, onde ainda hoje

aparece cassiterite, o tão útil e cobiçado minério de estanho, tem forma circular com 90 a 100 metros de diâmetro por 20 a 25 metros de fundo ⁽¹⁾.

Os castrejos de Carvalhelhos seriam mineiros, e naquele fojo teriam explorado afanosamente o estanho, ou seja, a cassiterite.

(1) O castro assenta em zona de contacto de xisto com granito. A região é rica de minério de estanho e de volfrâmio. Num cabeço sobranceiro ao castro, junto da aldeia do Carvalho, há vultuosos restos de velhas explorações mineiras, ditas do tempo dos romanos. São quatro fojos. Um enorme, o do Alto do Coto ou da Agróvia referido e, mais abaixo, logo por cima das casas da aldeia de Carvalhelhos, o fogo das Corgas, mais pequeno, com 70 a 80 metros de boca e 7 a 8 metros de profundidade, quando muito.

No alto da Agróvia há outros dois, muito mais pequenos, do lado da aldeia do Carvalho.

O cabeço do Coto foi concessão da Empresa Mineira do Norte de Portugal que ali, durante muitos anos, arrancou grandes quantidades de volfrâmio e de estanho.

É de crer que os quatro velhos fojos referidos tenham sido trabalhados pelos castrejos, e que dali tenham vindo os 200 quilos de minério de estanho topado no esconderijo.

A cassiterite, valioso minério de estanho, teve, na antiguidade uma importância extraordinária para o fabrico de objectos de bronze. Historiadores e geógrafos da antiguidade, Ptolomeu e outros, referem-se às Ilhas Cassitérides, as ilhas do estanho (*in Occidentali Oceano Cassiterides insula decem, quarum pars media sita est 4, 45, 30, II, 6, 73*) e sobre as quais e sua justa situação muito se tem escrito.

Sobre a localização geográfica das Cassitérides o distinto arqueólogo espanhol Dr. Luís Monteagudo escreveu o trabalho *Localização das Cassitérides e Oestrymnides*, publicado na «Revista de Guimarães», vol. LXVII, n.º 3-4, Julho-Dezembro 1957, Barcelos, 1957, págs. 372 a 416 e 2 mapas.

Na pág. 372, logo de entrada, o A. diz que as Cassitérides, para os gregos, púnicos e romanos, eram as ilhas do estanho, «das quais extraíam essa matéria-prima de transcendente importância para o fabrico do seu armamento e utensílios».

Este trabalho do Dr. Monteagudo foi também publicado na revista madrilenha «Emérita», vol. xxv, Madrid, 1957, págs. 14-32.

Dado o interesse do assunto, o ilustre Director da «Revista de Guimarães» e distinto arqueólogo, Coronel Mário Cardoso, resolveu, e muito bem, reproduzir em português este trabalho, «elaborado com inexecedível método e segurança crítica, e baseado numa sólida erudição e cultura científica».

Atesta-o um esconderijo deste mineral encontrado na área do castro, na sua encosta leste, a uns 60 ou 70 metros abaixo de penedo «o Cavalo dos mouros».

Em 1944 ou 1945 quatro rapazes de Carvalhelhos deram com aquele esconderijo de estanho que escavaram em proveito próprio. Lavaram a terra e, em quatro dias, apuraram 200 quilos (!) de cassiterite que venderam a 30\$00 o quilo.

Foi um levante.

A notícia do aparecimento daquele tesouro espalhou-se rápida. Muita gente de Carvalhelhos escavou e lavou a terra dos sítios em volta, onde iam aparecendo uns pedacitos de cassiterite, mas nada que se parecesse com aquele montão inicialmente descoberto pelos quatro rapazes que, em quatro dias, ganharam seis mil escudos.

Só consegui falar com um deles, que me contou o seguinte.

Um dia, ao passar no sítio, viu uns pedacitos negros no chão. Apanhou-os e viu que era cassiterite. Esgaravatou na terra e foi aparecendo mais.

Com três companheiros fez-se a escavação em forma.

Tratava-se de um penedo em cova onde tinham escondido o minério tapado com terra, e, por cima desta, bastantes pedras.

No dizer do meu informador naquela cova estava «escondida» a cassiterite «misturada com pedras brancas (quartzos); muito carvão; muitos cacos; alguns púcaros; pregos de ferro; muitas rodelinhas de barro com um furo no meio (cossoiros); uma grade de metal com as cabeceiras, dum lado e do outro, e os varais, tal e qual como uma grade de agradar a terra, mas pequenina, aí do comprimento de um dedo e da largura de dois dedos postos a par; dois ou três estribos de metal verde e outros pedacitos de metal».

A princípio supus que seriam verdadeiros estribos para os cavaleiros firmarem os pés. Afinal, depois de um largo inquérito, e não sem alguns embaraços à mistura (não queria suggestionar) parece poder concluir-se que os tais estribos eram fíbulas.

É de crer que tais peças tenham sido arrecadadas. O informador dizia que se devem ter perdido com outros pedacitos de metal, a que os garotos iam deitando a mão.

Os púcaros quebraram-nos e tudo se perdeu.

Constou-me, vagamente, (parece ter havido receio de dizer tudo o que apareceu no esconderijo), que apareceram outros objectos de metal e algumas moedas, uma ou duas de prata.

Fui ver o sítio.

Lá está o penedo com a cova em fundo de bacia.

A cova tem forma irregularmente elipsóide com o diâmetro maior de 4 metros e o menor de 3 metros. A profundidade deve ir a pouco mais de 1 metro. A cova fica no meio dum grupo de penedos baixos, a 4 metros à esquerda e acima do caminho que conduz aos lameiros.

A alguns metros abaixo, num rego de água, procederam à lavagem da terra e do minério que tiraram da cova. Ali apanhei alguns fragmentos de cerâmica micácea de tipo nitidamente castrejo. Entre os fragmentos, todos pequenos, apanhei um maior, bordo em asa perfurada que publiquei na fig. 6, pág. 57 do trabalho *O castro de Carvalhelhos* in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XVI, Porto, 1957.

É de crer que, perante a ameaça dos romanos invasores, os castrejos tivessem escondido o seu tesouro de cassiterite com o intento de o reaverem.

Vencidos não repugna acreditar que fossem obrigados, pelos romanos vencedores, a atulharem os fossos, neutralizando aquela importante linha de defesa. Mortos, ou levados como escravos, é de crer que nenhum voltou, e, por isso, o tesouro ali ficou enterrado até ao dia em que os seus achadores o arrancaram, lavaram e venderam.

Julgo que se poderá realçar o sentimento colectivo de bem guardar o segredo daquele esconderijo.

O enterramento de tal quantidade de minério de estanho, e mais tudo aquilo que atrás se referiu, não teria sido fácil fazê-lo sem que um certo número de pessoas, senão mesmo todos os habitantes do castro, dele tivessem conhecimento.

É bem sabido quanto, então, o minério de estanho era cobiçado.

É de supor que os romanos vencedores ou quem quer que venceu aqueles castrejos, quisesse tomar como presa de guerra

todo o minério de estanho a que pudessem deitar a mão, e que fizessem apertado inquérito da sua existência como fruto das explorações mineiras dos habitantes daquele castro.

Em face do que ficou dito parece podermos concluir que ao ânimo varonil dos castrejos, atestado na valentia com que lutaram contra os romanos invasores, se associava um amplo sentido comunitário e uma tal rigidez de carácter, com que todos souberam guardar o segredo do sítio onde fora escondido aquele montão de minério de estanho e o mais que se referiu. Aquele conjunto constituiria, muito provavelmente, o seu tesouro colectivo.

Pelo que dos castrejos contaram alguns historiadores gregos e romanos e pelo que a arqueologia nos vai revelando podemos inferir que bem nobres e dignos sentimentos foram atributo daqueles nossos remotos e valorosos ascendentes.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Univ. Porto
Outubro de 1972

Seguem-se as intervenções em colóquio respeitantes à comunicação do Prof. Santos Júnior, *As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos*.

O Dr. D. Joaquin Lourenço Fernandez disse: considerando que o castro é relativamente pequeno, pode perguntar-se: Não seria o castro dominado pelas gens, dos castros à volta que ali acorreriam quando se quisessem defender?

Não seria pois a defesa de um aglomerado que ali teria uma fortaleza?

Prof. Santos Júnior.

É possível, porque perto deste, há pelo menos seis castros e é bem possível que vivessem em comunidade de boa vizinhança e por isso ali se juntassem em caso de perigo.

Dr. D. Joaquin Lourenço Fernandez.

Reforça a sua sugestão lembrando que este castro é o mais pequeno e o de maiores defesas.

D. Domingos de Pinho Brandão.

A designação local, chama-o de castelo, «Castelo dos Mouros».

Nós designamo-lo de castro. Esta é uma designação muito genérica, que não diz nada.

A designação de «Castelo dos Mouros» não terá um sentido de castelo fortaleza?»

Prof. Santos Júnior.

Não repugna acreditar que o Castro de Carvalhelhos fosse um «castelo fortaleza», se bem que todos os castros sejam fortalezas, todos muralhados e alguns com tripla fiada de muralhas.

Pode bem ter sido um castro de refúgio da gente dos castros da região, que em caso de perigo ali se acoitariam ao abrigo das suas notáveis defesas.

No entanto é bem lembrar que uma habitual aquista das Águas de de Carvalhelhos, a Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição Pinto de Azevedo, portuense muito inteligente e culta, me informou que em 1924 subiu pela primeira vez ao castro, e lembra-se de ter visto no recinto cimeiro umas 20 casas, onde até à data só pudemos destacar restos de 7. Desapareceram 13, e quem sabe se mesmo mais não teriam desaparecido antes.

Com as casas que há fora do recinto cimeiro, teríamos portanto 24 casas.

Pode também admitir-se que nelas vivesse uma população sedentária, que se ocuparia especialmente da exploração do estanho no «Alto do Coto» ou da «Agróvia» e nas «Corgas», onde se vêem os grandes fojos a que me referi e atestam intensas e remotas explorações mineiras.

O castro de Carvalhelhos seria pois, neste caso, um castro de mineiros de estanho, como leva a assim supor, o referido esconderijo de 200 quilos de estanho (cassiterite).



Fig. 2 — Troço do lado nascente do 2.º fosso